

Prefácio

Escritor empenhado com as realidades deste mundo, num amplo sentido humanista mas também numa aceção circunscritamente política, Jorge de Sena nunca descurou, como artista da palavra, a integridade como tal do texto literário. Aliás, poucos escritores se poderão gabar de exercer um compromisso mais assíduo lado a lado com um empenho inabalável por alargar as fronteiras estilísticas, estruturais e genológicas da criação literária. Basta mencionar, como exemplos, *Quatro Sonetos a Afrodite Anadiómene* e numerosos exemplos de poemas, escritos numa linguagem inventada, dispersos pelo corpus poético; *O Físico Prodigioso*, esse prodígio de experimentalismo estrutural, intertextual e de mimetismo (as “cantigas de amigo” criadas pelo Autor); e, como última ilustração da propensão inovadora do Autor, o texto que aqui nos ocupa: *Os Grão-Capitães: uma sequência de contos*, coletânea que, aquando da sua primeira edição, em 1976, continha sete contos, postumamente acrescida que foi de mais dois textos. Nove contos que são nove unidades independentes e autossuficientes; nove contos que, dada a configuração genológica que o Autor conscientemente lhe imprimiu, constituem, ao mesmo tempo, uma coletânea compósita ou integrada, isto é, equidistante da coletânea heterogénea (em que cada peça é independente das demais) e do romance homogéneo (em que cada capítulo faz parte de um todo coeso). A sua riqueza conteudística, digamos assim, prende-se com o facto de *Os Grão-Capitães* constituírem um dos retratos mais horripilantes dessa época “castrante” (o termo é de Sena e abrange os anos de 1928 a 1961) que foi o Estado Novo em Portugal. Quanto à estética que preside à sua conceção e execução é, no mundo lusófono, um texto único pois trata-se, por quanto eu saiba, da única coletânea em língua portuguesa consciente da sua unicidade genológica – *uma sequência de contos* – embora esse e géneros afins de coletâneas de contos não constituam novidade no mundo anglo-saxónico. De facto, em termos de conceção genológica, *Os Grão-Capitães: uma sequência de contos* destacam-se como uma das obras de Jorge de Sena que mais patenteia a aproximação

do Autor, ao longo de muitas décadas – como assíduo estudioso, como tradutor, como professor – da cultura em geral e da literatura em particular do mundo anglo-saxónico. Diga-se de passagem, porém, que as coletâneas integradas não são exclusividade das literaturas anglo-saxónicas. A sua popularidade, porém, a teorização e crítica a que têm dado azo, essas, sim, são conspicuamente mais populares nas letras anglo-saxónicas do que em quaisquer outras. Em termos de género, *Os Grão-Capitães* enquadram-se na tradição de obras como *Dubliners* de James Joyce, *Winesburg, Ohio* de Sherwood Anderson e *Go Down, Moses* de Faulkner, para mencionar apenas três exemplos de uma tradição que remonta pelo menos ao século dezanove e que, no domínio da teoria, dá azo a um texto teórico – *Representative Short Story Cycles of the Twentieth Century: Studies in a Literary Genre* (The Hague: Mouton, 1971), de Forrest L. Ingram – o qual abriria as portas a uma série de teses de doutoramento, de livros e de números especiais de revistas literárias sobre a coletânea integrada, de carácter teórico e crítico, que duram até hoje. Emprego o adjetivo “integrada” para me referir a uma série de géneros (ou termos para os designar) afins que dão por uma série de nomes, sendo, quanto a mim, os mais úteis *ciclo* e *sequência*, embora muitos outros, como *romance composto*, também tenham a sua razão de ser para designar textos como certo tipo de romances. É certo, porém, que *ciclo* – a designação genológica mais frequentemente empregue para a coletânea integrada – e a *sequência*, o nome que Jorge de Sena empregou para a sua coletânea, por quanto tenham sido e continuem a ser por vezes usados intersubstituívelmente para designar o mesmo género, são empregados – por Robert M. Luscher, por exemplo – para referir uma coletânea integrada que utiliza recursos de inclusão significativamente diferentes um do outro. Sem entrar em pormenores que o livro de António M. A. Igrejas abordará a seu tempo, diga-se de passagem que Jorge de Sena, que nestas questões não costumava equivocar-se, seleccionou o termo mais justo para caracterizar o seu livro – aliás, a única das suas coleções contísticas que, significativamente, leva um designativo genológico: *sequência* e não *ciclo*. Ambos os termos possuem um *pedigree* literário riquíssimo, o *ciclo*, como António Igrejas demonstrará, refere-se a textos com elementos como cenários, temas, imagética recorrente; a *sequência*, por outro lado, conquanto possa utilizar esses mesmos recursos que enformam os ciclos, está mais próxima do romance pelo menos num elemento constitutivo, elemento esse que, em *Os Grão-Capitães*, é dos mais admiravelmente trabalhados: a recorrência a personagens (por exemplo o menino do primeiro conto que reaparece como personagem mais velha em mais dois contos posteriores, incluindo o último, “A Grã-Canária”, emprestando à coletânea uma estrutura também de aprendizagem ou de *bildungsroman*). Mais importante do que a

recorrência, com variações, dessa personagem, com base confessadamente autobiográfica é, porém, a entidade referida no título: o grão-capitão – que vai apresentar tantas variantes quantos os contos que compõem a coletânea.

Parte integrante da leitura desta coletânea de Jorge de Sena são os seus textos preambulares. Tal como a esmagadora maioria das obras de Jorge de Sena, *Os Grão-Capitães: uma sequência de contos* não escapam àquilo que, por falta de melhor termo, chamarei o *imperativo de explicar* que Jorge de Sena sentia vis-à-vis a sua criação literária. É necessário, tratando-se do tipo de género que aqui nos ocupa, discorrer um pouco sobre este assunto. Desde o célebre “Prefácio da Primeira Edição” a *Poesia-I* – que serviu de ponto de partida para tudo o que se tem escrito sobre a poética de Jorge de Sena – a prefácios e posfácios e notas explicativas a livros de poesia (por exemplo, as copiosas notas a *Metamorfoses*, seguidas de *Quatro Sonetos a Afrodite Anadiómene* e a *Arte de Música*, livros esses que, note-se, contém cada um elaboradíssimo e riquíssimo “Post-fácio”), Jorge de Sena, dir-se-ia, foi um dos autores mais didáticos da literatura portuguesa. Não no sentido de impor uma visão do mundo num sentido restrito – e *Os Grão-Capitães* patenteiam uma visão do mundo rica e complexa – mas sobretudo no sentido de orientar, guiar, isto é, em grande medida *criar* o seu leitor. Quem, depois de ler o “Prefácio da Primeira Edição” a *Poesia-I* e os posfácios a *Metamorfoses* e *Arte de Música* não terá sido marcado profundamente pela visão que Jorge de Sena tinha da sua própria criação poética, particularmente no tocante aos fenómenos do testemunho e da relação inter-artes?

Os Grão-Capitães: uma sequência de contos não escaparam a esse imperativo de explicar e de conduzir o leitor. A coletânea – na edição que tenho aqui à minha frente: a 5.^a – é precedida de uma “Dedicatória”, uma “Nota à terceira edição”, de um “PS 1974 ao Prefácio que se segue” e de um “Prefácio (1970)”, prefácio esse onde se encontra, em grande parte, um esboço de teoria do género sequência de contos. Porém, como o presente livro demonstrará, o próprio género em foco exige, por definição, uma participação muito ativa por parte do leitor – o que acaba por ter o efeito de o conduzir para o domínio da estética da receção. Se há um género em que o leitor, por muito que se sinta atraído para a órbita criada pelo pendor explicativo do autor, e tenha que optar pela sua própria recriação ou *concretização* do texto, esse género é a sequência ou o ciclo de contos.

E é disso que trata este livro original – original porque optou por ser uma leitura de uma obra muito original, sobretudo no âmbito das literaturas lusófonas, mas original porque António M. A. Igrejas, sem deixar de se aproveitar das sugestões proporcionadas pelo próprio Autor, também

soube tornar-se suficientemente independente do Autor para, apoiando-se não só em conceitos da estética de receção, mas também na sua própria sensibilidade de leitor, nos proporcionar aquilo que é, quanto a mim, um dos estudos mais ricos sobre a obra de Jorge de Sena em geral e o mais admirável sobre *Os Grão-Capitães* em particular.

Fica muito por dizer sobre esta coletânea, como o próprio António M. A. Igrejas sabe perfeitamente. Aliás, ele encontra-se a trabalhar sobre um elemento, *o grotesco*, mais uma componente integrante da coletânea que poderia ter introduzido mais um capítulo, o qual espero venha a integrar numa segunda edição deste estudo. Muito importante também é que este livro constitua um convite a leituras de coletâneas de contos que não foram pelos seus autores identificados ou rubricados como constituindo géneros integrados. Seria fácil identificar muitas obras nas literaturas lusófonas passíveis de serem lidas como coletâneas integradas, embora não tenham sido rubricadas com um designativo genológico. Vou, porém, deixar aos leitores o privilégio de identificar as obras da sua preferência merecedoras de leituras tão criativas como *EMPENHO E ARTE: Os Grão-Capitães: uma sequência de contos*, de Jorge de Sena.

Francisco Cota Fagundes
University of Massachusetts Amherst